

DESPERDÍCIO EM BRASÍLIA

Os lixões são o meio de subsistência para mais de 2.700 trabalhadores, que recolhem material reciclável para vendê-lo a empresas especializadas. Abundância nos depósitos é fator de atração de migrantes



O preço do lixo por quilo

Papel Branco	R\$ 0,27	Metal	R\$ 1,00
Papelão	R\$ 0,10 a 0,15	Plástico	R\$ 0,12 a 0,20
Papel misto (de revista)	R\$ 0,80	Ferro	R\$ 0,03
Alumínio (de latinhas)	R\$ 1,50 a 2,00	Garrafas (4 unidades)	R\$ 0,10
Cobre	R\$ 1,00 a 1,70	Vidros em geral (unidade)	R\$ 0,05
Sucatas	R\$ 0,40	Alimentos (carroça cheia)	R\$ 15,00

Catadores ganham até R\$ 2 mil

Nicodemos Lopes do Nascimento aprendeu aos doze anos o ofício que carregaria para o resto da vida. Catava tudo o que via no chão: vidro, papel, latas. Isso, em sua cidade natal, Galiléia, no estado das Minas Gerais. Ao lembrar da infância miserável, ele se orgulha hoje, aos 49 anos, de ter conquistado o que considera um patrimônio. Nicodemos é uma espécie de empresário do ramo informal. Tem casa, um ferro-velho e até uma caminhão Mercedes Benz ano 1958. Todos os seus “luxos” vieram do lixo.

Atualmente seu Lixão preferido é o “do Torto”, onde recolhe todo tipo de metal pesado: rodas de carros, canos velhos e enferrujados, estruturas metálicas em geral. “Temos também metais nobres, cobre e alumínio, tudo é dinheiro”, comenta. Nicodemos é um dos 2.731 catadores de lixo do Distrito Federal identificados pela pesquisa da UnB. Eles ganham em média 3 salários mínimos por mês.

O estudo também revelou a geografia do lixo na capital, localizando 17 pontos de despejo de

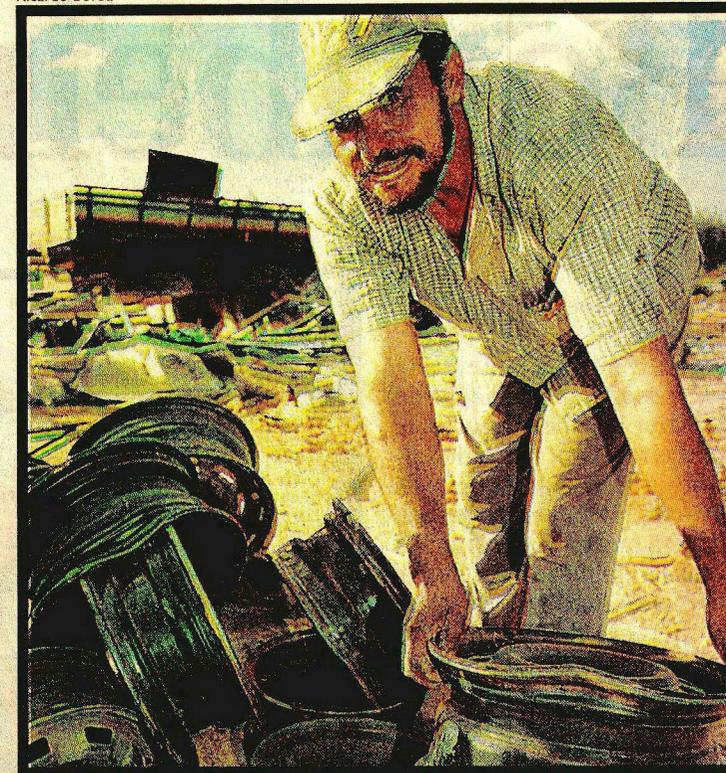
resíduos que são disputadíssimos pelos catadores (*leia mapa*), como Nicodemos. Hoje, além de ter seu próprio ferro-velho, ele faz frete para outros catadores. O que não quer dizer que tenha deixado de coletar sucata. “É a única coisa que sei fazer na vida”, diz o catador.

“MELHOR QUE ROUBAR”

No mercado dos catadores, o quilo de ferro no Torto custa R\$ 0,03. Nicodemos vende a outros “empresários” do lixo por R\$ 0,04. É comum ele fazer até quatro viagens por dia com seu Mercedão e juntar 30 toneladas de material. No final do mês, ele chega a tirar R\$ 2 mil, com os quais sustenta a mulher e a enteada em São Sebastião.

“O lixo produzido na capital é fator de retenção da migração. As pessoas vêm para cá e, mesmo sem casa, morando nas ruas, ficam aqui porque encontram um lixo farto, que garante a sobrevivência”, reforça Marcel Bursztyn, diretor pesquisa sobre populações de rua do Centro de Desenvolvimento Sustentável da UnB.

Ricardo Borba



NICODEMOS DO NASCIMENTO: FERRO-VELHO E FRETE PARA OUTROS CATADORES

É o caso de Ruberval dos Santos, 55 anos. Instalado há seis meses em um lixão improvisado na 908 Sul, ele junta papel branco (R\$ 0,08 o quilo) e papelão (R\$ 0,04) e vende o material para uma empresa especializada. Tira um salário em média. “Se eu for para Bahia morro de fome. Aqui tiro o meu sustento. Todo mundo me respeita por eu estar trabalhando. Melhor que matar, roubar ou ficar desempregado”, termina o baiano.

“Os catadores de lixo são peças importantes de uma cadeia industrial moderna, mas que se encontram numa condição de trabalho arcaica e perversa pelo lado social”, destaca Bursztyn.

LIXO ACIMA DA MÉDIA

Depois dos alimentos, os produtos plásticos (12%) foram os mais encontrados no lixo pesquisado, seguidos pelos papéis (9%) e vidros (4%). A média nacional de produção de lixo per capita é de 1,2 quilos. Mas na 104 Sul, por exemplo, chega a 1,85 kg. Já nas regiões mais carentes do DF como Ceilândia e Santa Maria, o total não chega a 600 gramas por pessoa. As cidades de Nova York e Paris registram médias de 1,8 e 2 quilos.